



BIRRE MEDICAL CLINIC

CLÍNICA DE CASCAIS



Nº Verde: 800 200 058

- Bloco operatório
- Anestesia Geral
- Sedação
- Medicina Dentária
- Implantologia
- Correção dos dentes
- Cirurgia plástica
- Facetas Dentárias

R. Pedro Franco, 238 - 2750-262 Cascais
(Junto à rotunda de Birre)

Tel. 214 860 306
(Rede Fixa Nacional)

www.clinicamedicasolivioidias.pt

Email: cascais@clinicamedicasolivioidias.com



Velocidade
máxima
de 50Km/h
na Avenida Marginal





SERRALHARIA
AMARAL
aluminios| pvc

24 ANOS
1999-2023

- Caixilharia de alumínio e pvc
- Todo tipo de estores interiores e exteriores
- Cortinas de vidro
- Toldos



Telefone: 219 134 628

www.serralhariaamaral.com

Av. Infante Dom Henrique, 173 Belas | Fax: 210 935 162 | geral@serralhariaamaral.com



A FUNERÁRIA
SÃO JOÃO DAS LAMPAS
de Quintino e Morais

35 Anos de Serviço com Competência
e Honestidade

www.funerariaquintinoemoraais.pt



ATENDIMENTO PERMANENTE

24 219 618 594 - 965 657 671

MEM MARTINS . MUCIFAL . SJ LAMPAS . SINTRA . TERRUGEM

SEDE
Rua da Oliveira, 1 Aldeia Galega
2705-416 S.João das Lampas
SINTRA

geral@quintinoemoraais.pt

Oeiras realiza Gala do Desporto

O Hotel Lagoas Park, em Porto Salvo, foi o palco da realização, no dia 26 de março, da Gala do Desporto, do Município de Oeiras, com a presença do presidente da Câmara de Oeiras, Isaltino Morais. Através desta Gala foi feito o reconhecimento e homenagem a 255 atletas, de 24 clubes, que conquistaram 277 títulos, em 25 modalidades. Também foram destacados, com o Prémio Prestígio Associativismo, José Manuel Isidro, pelo seu trabalho dedi-

cado no desenvolvimento do Linda-a-Pastora Sporting Clube.

Com o Prémio Excelência Desportiva, Sandra Teixeira, pela sua dedicação ao Atletismo, traduzida em muitos resultados ao longo da sua carreira.

Com o Prémio Carreira Desportiva, Maria do Céu Ralha, pelo seu percurso desportivo e constante trabalho no desenvolvimento do Karaté.

Com o Prémio Prestígio Desportivo, Carlos Neto, professor catedrático

na Faculdade de Motricidade Humana (FMH) da Universidade de Lisboa, cujo contributo para o desenvolvimento desportivo no país é reconhecido como excepcional.

Esta Gala teve a apresentação a cargo de Jorge Gabriel, e contou com exibições de classes de ginástica.

Isaltino Morais, no uso da palavra, começou



por felicitar os atletas presentes e disse que o desporto é um dos pilares que fortalece o tecido social de qualquer comunidade, promove a solidariedade e a coesão social.

Referiu-se aos clubes desportivos do concelho, como um dos tecidos associativos mais fortes do país, com 82 clubes, que diariamente dão o seu melhor, com 750 técnicos, mobilizando semanalmente cerca de 24 mil praticantes, 60% dos quais na faixa dos 18 anos. Pelo trabalho que desenvolvem deixou o seu reconhecimento em nome dos cidadãos de Oeiras.

Sobre o apoio da Autarquia aos clubes, disse que este apoio cresceu, desde 2018, em 11%, e que, em março, foi aprovado o maior apoio de sempre, totalizando 2 milhões e 500 mil euros.

Informou que vão ser construídos três novos pavilhões desportivos e que a Câmara vai adquirir o Cabanas Golfe, para disponibilizar este espaço desportivo à população.

A terminar o seu discurso diria ainda que o país precisa de exemplos como os destes atletas, pessoas que não desistem, e dão o seu melhor. Reiterou a intenção de continuar a apoiar o desporto através dos clubes.

Nesta Gala estiveram presentes também o presidente do Comité Olímpico de Portugal, o presidente da Confederação do Desporto, o presidente da Empresa Oeiras Viva, vereadoras da Câmara de Oeiras, presidentes de juntas de freguesia e uniões de freguesia e presidentes de clubes.

Texto: Alexandre Gonçalves
Fotos: Paulo Rodrigues



NUCASE
GRUPO



**A preparar o futuro juntos.
Inovação e confiança
para a sua eficiência.**

De pessoas para pessoas.

ESPECIALISTAS EM CONTABILIDADE, FISCALIDADE
E GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

NUCASE NEGÓCIOS
SOLUÇÕES INOVADORAS PARA UMA GESTÃO SIMPLES E SEGURA

NUCASE CONSULTING
GESTÃO E ACOMPANHAMENTO ESPECIALIZADO. À SUA MEDIDA

ENTRE EM CONTACTO
CONNOSCO

A NOSSA EQUIPA ESTÁ PRONTA PARA O AJUDAR A
ENCONTRAR O APOIO ADEQUADO À SUA NECESSIDADE

☎ 214 585 700 ✉ geral@nucase.pt

nucase.pt

CARCAVELOS + ESTORIL + PAREDE + SINTRA + LISBOA



Centro Cívico de Carnaxide vai ser requalificado

A zona do Centro Cívico de Carnaxide será alvo de uma profunda requalificação urbana, num investimento que ultrapassa um milhão de euros e que visa melhorar significativamente as condições de conforto, mobilidade e qualidade de vida da população local. A intervenção terá início com a pavimentação e impermeabilização do parque de estacionamento existente, já adjudicada através de concurso público. Esta fase contempla também a melhoria de todo o pavimento do Centro

Cívico, um espaço datado dos anos 90 que, apesar do sucesso inicial, carece atualmente de conservação e modernização. Num segundo momento, será construída uma cobertura sobre o Centro Cívico, permitindo melhores condições de climatização, tanto no verão como no inverno. Seguir-se-á a requalificação da zona envolvente, com destaque para a transformação da Avenida Portugal, atualmente com características mais rodoviárias, numa verdadeira avenida



urbana, com uma faixa central separadora e maior foco no conforto dos peões e na segurança da circulação. Para que esta última fase possa avançar, está igualmente prevista a criação de um novo parque de estacionamento com 400 lugares no Quintal Desportivo de Carnaxide, cujo concurso público será lançado em breve. Até lá, será disponibilizado no local um espaço de fitness ao ar livre, especialmente pensado para os seniores da freguesia. A par destas intervenções, a autarquia destaca a importância de planear e conciliar os diferentes momentos da obra de forma a minimizar os impactos na rotina da

população. O objetivo é claro: transformar Carnaxide num espaço urbano mais moderno, confortável e seguro para todos os que ali vivem, trabalham ou circulam.



SIMAS inaugura parque de estacionamento

O parque de estacionamento da sede dos Serviços Intermunicipalizados de Água e Saneamento (SIMAS) de Oeiras e Amadora, na Rua do Chafariz, em Oeiras, foi aberto ao público, no dia 31 de março, depois de obras de correção de um provável erro de projeto. O presidente da Câmara de Oeiras, Isaltino Morais, inaugurou este parque tendo a presença do presidente do Conselho de Administração da Empresa Municipal, Parques Tejo, Rui Rei e da presidente do Conselho de Administração dos SIMAS, Joana Baptista. O presidente da Câmara, depois do descerramento da placa comemorativa deste ato e da visita ao parque de estacionamento, dirigiu-se aos presentes, começando por dizer que só no Estado é que existem situações como esta, um operador privado não estaria tanto tempo sem rentabilizar um bem, já que este é um ativo que vale dois milhões de euros, e esteve parado durante 25 anos. Referindo que esta situação se deve, provavelmente, a um erro de projeto, que dificultava a circulação dos veículos, e que, o estudo feito pela

Parques Tejo, concluiu que o problema residia numa parede, que, depois de cortada, passou a permitir a circulação dos veículos sem a necessidade de grandes manobras. O presidente do Conselho de Administração da Paques Tejo, disse que a intervenção para a resolução do problema deste parque foi feita em colaboração com os SIMAS, tendo as obras um custo de 100 mil euros. Estas obras incidiram também no redimensionamento dos acessos para circulação pedonal e de viaturas, e a modernização do controlo e gestão do parque. Além da presença de algum público, estiveram presentes, funcionários do SIMAS, vereadores da Câmara de Oeiras e o presidente da União de Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz Quebrada-Dafundo.



A PARTIR DE

23 ABRIL

NÃO PERCAS

vivaasferias@oeirasviva.pt

☎ 91 211 64 93

FIM DAS AULAS, INÍCIO DA DIVERSÃO!

"Saber ler uma pauta é como aprender uma nova língua"

- Gabriela Fernandes

A Academia de Música de Miraflores, sediada na Rua D. António Ribeiro, é um projeto de dois músicos, Gabriela Fernandes (pianista) e Diogo Chaves (guitarrista), que se conheceram quando davam aulas numa escola e decidiram levar avante um projeto onde pudessem pôr em prática a sua forma de pensar sobre como ensinar música.

Em 2015 iniciaram esta Academia contando de início com alguns alunos que já ensinavam, e hoje contam com cerca de 200 alunos, uma equipa de trabalho com 20 pessoas, entre a parte administrativa e professores, que ensinam Piano, Guitarra Bateria, Baixo, Violino, Combo, Canto, têm Música para Bebés e realizaram parcerias com escolas, tendo já passado por esta Academia mais de mil alunos de todas as idades. O Correio da Linha falou com estes dois protagonistas, sobre o que é este projeto e como funciona.

Correio da Linha (CL) - Criaram um projeto que se distingue de outros... Mas em que medida difere no ensino da Música?

Gabriela Fernandes (GF) - É um regime livre, que nos distingue um pouco do método do Conservatório, recebemos alunos de todas as faixas etárias, desde a Música para Bebés até a alunos de perto dos 80 anos, abarcando todos os géneros musicais, uma vez que não seguimos um projeto definido pelo Ministério da Educação.

Neste sentido vamos ao encontro da preferência dos alunos, se gostam de Pop ou Rock, mas também do Lírico e Clássico. Somos portanto muito versáteis, mas não profissionalizantes, e se os alunos chegam a um nível interessante, sugerimos que sigam para o Superior, se querem aprofundar mais os conhecimentos.

CL - Suponho que além do ensino realizam atividades no exterior com os alunos como concertos, por exemplo,

isso é feito com frequência?

Diogo Chaves (DC) - Desde o início que tivemos como premissa que mais do que a avaliação, fazer testes e dar-lhes notas, era dar-lhes experiência para atuarem, é a nossa principal motivação para evoluírem, apresentando-se em público.

Ao longo do ano temos três concertos, dois recitais mais intimistas na altura do Natal e da Páscoa, onde os alunos se apresentam individualmente, no fim do ano fazemos um concerto final com todos os alunos, para plateias que já atingiram as 400 pessoas.

Também já temos feito atuações, que organizamos em parcerias, não para pais e amigos mas para pessoas que não se conhecem.

GF - Na prática, todas as desculpas servem para pôr os alunos em palco. Já participamos dois anos seguidos nas Festas do Concelho, temos uma parceria com o centro comercial que fica aqui perto de nós, e sempre que possível realizamos ações com ele, como pequenos concertos, oficinas e aulas abertas. Temos também anualmente um evento que é a, Vila dos Músicos, que tem sido realizado no Palácio Anjos, em Algés e já teve três edições, com uma programação muito completa e a participação de outros parceiros.

CL - Se uma criança quer experimentar a Música como é que faz?

GF - É simples, falam com a secretaria, através do site, do telefone ou presencialmente, diz o que gostava de fazer e nós ajudamos, sugerimos que faça uma experiência, que conheça a escola, o professor e o projeto e se gostar pode ficar.

CL - E depois, como é isso continuado, precisa ter jeito? É preciso seguir regras de aprendizagem? E se não corresponder? Vai embora?

GF - Nós acreditamos que a Música tem efetivamente um papel muito importante no desenvolvimento do caráter e da personalidade e dá às crianças ferramentas muito importantes, e aos adultos.

DC - Ferramentas como a auto disciplina, a criatividade, a força de vontade e a motivação.

GF - Se houver dificuldades vamos trabalhar em conjunto com os pais para perceber quais são as dificuldades, e precisamente porque não temos programas muito rígidos, conseguimos adap-



tarmo-nos às dificuldades e desafios. Eu diria que não há casos impossíveis, para nós, se tiverem força de vontade e gosto pela Música, o talento educa-se. Alguém dizia que a Arte tem 99% de trabalho e 1% de talento.

Há crianças e adultos com mais capacidade de trabalho do que outros, mas o desafio, que não é um mau desafio, é pegar nos alunos que não têm tanta capacidade de trabalho, e para esses a aprendizagem pode até ser mais interessante. Portanto para quê mandá-los embora se os podemos ajudar.

CL - Mas quando se fala do aparecimento de talentos é como se já nascessem ensinados ou com uma capacidade inata para, neste caso a música, têm casos desses?

DC - Temos talentos, mas eles talvez apareçam mais pela perseverança do que por capacidade inata, os alunos que tivemos mais avançados na escola foram quase sempre os que nunca pararam e todos os dias pegaram nos instrumentos e o que se viu neles foi a força de vontade. Tornaram-se talentos, e alguns deles que ainda estão connosco, são talvez o ponto mais evidente do nível a que se pode chegar na aprendizagem de um instrumento, mesmo nas fases da vida em que começa a haver outras solicitações.

Hoje temos alunos que têm as suas próprias bandas, outros que participam em concursos e programas de televisão, ou seja, temos algumas "estrelas" que fazem parte da nossa história.

CL - No que se refere às faixas etárias que frequentam a escola, como se de distribuem?

DC - Diria que a maioria está entre os 10 e os 15 anos, temos bastante adultos, assim com até aos cinco anos. No geral serão cerca de 60% até aos 18 anos e 40% depois dessa idade.



CL - Quais os instrumentos preferidos?
DC - Os mais preferidos são a guitarra e o piano, com uma boa frequência na bateria.

CL - Que tempo demora normalmente um aluno a tocar um instrumento, por exemplo, piano?

DC - Não há uma resposta para isso, tudo depende do trabalho que o aluno faz para aprender. Por vezes é preferível não ter metas definidas e deixar que haja evolução natural.

Também depende do que se entende por tocar, porque o aluno sai da primeira aula a tocar, a aula é prática e em função de alguns exercícios.

CL - Colocam grande ênfase na formação prática mas para um músico faz falta saber ler uma pauta, quando começa essa aprendizagem?

DC - Claro que para tocar um instrumento, acaba por depois ser necessário





uma pauta para se chegar às músicas, na fase inicial há formas de contornar essa falta, com símbolos acessíveis. Jogamos um pouco mais com a componente prática e deixamos que a teoria venha depois acomodar-se àquilo que já se conhece.

GF - É de certa maneira uma crítica ao que foi a nossa formação, na estrutura mais clássica a aprendizagem musical separa a disciplina teórica da prática o que nem sempre é bom, porque na prática o professor está focado na técnica e passa ao lado da teoria, do entendimento do que o aluno está a fazer, e depois temos precisamente o contrário na componente teórica, em que o aluno aprende no abstrato, sem perceber o que é a aplicação prática do que está a aprender. Essa foi a minha realidade e esse foi o motivo por que nasceu este modelo, em que nós achamos que as duas coisas não devem viver separadas, na mesma aula abordamos a componente prática e a ligamos depois à teórica.

Na prática, saber ler uma pauta é como aprender uma nova língua, mas com a diferença de que neste caso temos caracteres de escrita diferentes, temos que aprender o que significam e para ser fluente nesta língua há todo um processo de aprendizagem.

CL - Num país em que a Cultura é tão mal tratada, como é dedicar-se a divulgar e fazer crescer a Cultura e a Arte?

GF - É desafiante, porque todos os dias, ao longo destes 10 anos, enfrentamos desafios e ninguém se apercebeu disso, porque a escola continuou a funcionar e a realizar eventos e só quando fecha a cortina alguém fica a resolver os desafios de manter o projeto e a empresa a funcionar. Mas como se costuma dizer, o que não nos mata torna-nos mais fortes, é correr por gosto, cansa um bocadinho, mas acho que quando há paixão

por aquilo que se faz e é o nosso caso e da equipa que temos vindo a reunir, que está unida na vontade de transmitir esse conhecimento tão bonito que é a Música, que é a Arte, acaba-se sempre por encontrar formas de ultrapassar as dificuldades.

DC - Não ocupamos muito tempo a queixarmo-nos, mas sim a fazer com que muitas coisas aconteçam.

CL - Como é mantida a escola, apenas com os meios próprios, ou têm subsídios...?

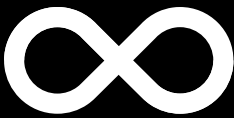
GF - Este ano passámos a integrar a rede de Agentes Culturais do Concelho de Oeiras, e com isso temos algum apoio da Câmara de Oeiras, até agora não havia qualquer tipo de apoio, há 10 anos investimos cerca de 100 mil euros, e ao longo dos anos têm sido feitos outros investimentos e em obras e instrumentos.

CL - Esta é a vossa vida, mas se tivessem que voltar atrás, mudavam o rumo ou fariam o mesmo?

DC - Nós já tivemos outras funções, esta é a mudança que escolhemos.

GF - Eu fiz uma licenciatura, em Arquitetura e depois escolhemos este caminho, que faz todo o sentido e fazíamos tudo de novo.

Texto: Alexandre Gonçalves
Fotos: Academia e Paulo Rodrigues

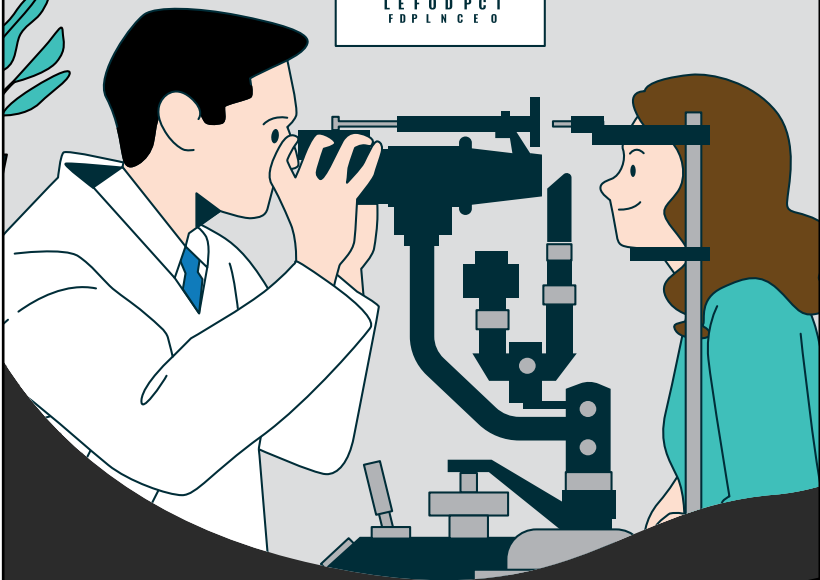


Ofetalópticas

A olhar o futuro.

Como está a saúde dos seus OLHOS?

FAÇA UM CHECKUP VISUAL



optivisão®

Allianz

MULTICARE

AdvanceCare

VICTORIA

SAMS

medis

Future healthcare

MEDICARE

GENERALI

ADM

cofe



OEIRAS VILA
Rua João Teixeira Simões, 3
T. +351 214 425 100

OEIRAS FÓRUM
Rua Dr. José da Cunha, 33 B
T. +351 214 415 916

MOINHO DAS ANTAS
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, 5-A
T. +351 214 427 944

PAÇO DE ARCOS
Rua Costa Pinto, 95-97
T. +351 214 422 717

"A nossa missão é prestar um serviço público de qualidade"

- Carla Duarte

A pouco tempo de completar um ano como comandante da Divisão Policial de Oeiras, a subintendente Carla Duarte partilhou, em entrevista ao Correio da Linha, uma visão clara e humanista sobre os desafios da segurança pública no concelho. Falou da importância do policiamento de proximidade, da resposta a emergências, da cooperação com entidades locais, do apoio às vítimas e aos agentes, e do esforço contínuo para garantir um serviço policial eficaz, mesmo perante limitações de meios. Com uma liderança centrada na empatia, no reconhecimento interno e na valorização das pessoas, Carla Duarte destacou o compromisso diário da Polícia de Segurança Pública (PSP) com a construção de uma comunidade mais segura, coesa e confiante.

O Correio da Linha (CL) - Como tem sido o seu percurso na PSP e de que forma chegou ao comando da Divisão de Oeiras?

Carla Duarte (CD) - Estou a comandar a Divisão de Oeiras há relativamente pouco tempo - fará um ano em maio. Iniciei a minha carreira na Polícia em 2000, ao entrar na então Escola Superior de Polícia, tendo concluído o curso em 2005. O meu percurso oficial iniciou-se na Amadora, onde comecei por comandar uma esquadra. Mais recentemente estive em Sintra, onde fui adjunta do comandante da divisão.

A vinda para Oeiras surgiu na sequência de uma reorganização interna. Quando há promoções, podem haver movimentações e efetivamente a minha antecessora, manifestou a vontade de ir para outro local, deixando esta vaga em aberto. Perante tal oportunidade, manifestei a minha disponibilidade para assumir o comando da divisão e fui aceite. É a primeira vez que estou a comandar uma divisão.

A receção em Oeiras foi extremamente positiva. Destaco, acima de tudo, o ambiente de colaboração e boa disposição,

tanto dentro da Polícia como entre os vários parceiros institucionais, como a Câmara Municipal de Oeiras (CMO) e demais entidades locais.

CL - Qual considera ser o principal desafio de segurança pública em Oeiras?

CD - O maior desafio prende-se com a nossa capacidade de resposta às inúmeras solicitações do concelho, nomeadamente no que diz respeito à realização de eventos. Oeiras é um concelho extremamente dinâmico e com uma agenda cultural e social muito intensa, o que exige da PSP um esforço constante de planeamento e alocação de meios. Conseguir garantir a presença policial em todos esses momentos, sem comprometer o restante policiamento de proximidade, é um exercício de equilíbrio exigente.

No que toca à criminalidade, o concelho é, de forma geral, bastante tranquilo, sobretudo quando comparado com outras realidades metropolitanas. Claro que existem ocorrências, como em qualquer outra zona urbana, mas estamos a falar de níveis de criminalidade relativamente controlados - mesmo em contextos mais sensíveis como os dos bairros sociais.

CL - Que tipo de situações de criminalidade ou insegurança é que justificam uma atenção mais reforçada nos bairros sociais?

CD - A presença reforçada da PSP nesses bairros insere-se no âmbito do Contrato Local de Segurança, um modelo de intervenção que tem vindo a ser implementado com sucesso há vários anos e que assenta numa lógica de proximidade e de atuação integrada. Este trabalho é feito por elementos especialmente dedicados ao Modelo Integrado de Policiamento de Proximidade (MIPP), com foco na prevenção, apoio à vítima e resolução de conflitos. Este modelo envolve não só a polícia, mas também entidades sociais, serviços da Câmara Municipal e outras estruturas

locais, permitindo uma abordagem mais abrangente aos problemas de segurança.

O objetivo não é apenas responder à criminalidade, mas também prevenir e atuar sobre os fatores que contribuem para a perceção de insegurança. Por exemplo, questões como iluminação deficiente, ruído excessivo, ou o funcionamento de estabelecimentos que sus-



citam queixas dos moradores, são sinalizadas e tratadas em articulação com os parceiros locais. Às vezes, um simples pedido da população pode levar a uma intervenção que melhora significativamente a tranquilidade da zona, seja ajustando horários de funcionamento de certos espaços ou reforçando a fiscalização da nossa parte.

Quanto à criminalidade, existem alguns indivíduos referenciados pela polícia. Efetivamente, a maioria dos mandatos de busca que recebemos, estão associados a bairros sociais. No entanto, é importante destacar que a grande maioria das pessoas que vive nesses locais são cidadãos que apenas desejam tranquilidade e segurança no seu dia a dia. O nosso trabalho passa também por garantir que esses moradores não se sentem reféns de uma minoria com comportamentos desviantes.

PROXIMIDADE, PREVENÇÃO E RESPOSTA: OS PILARES DA ATUAÇÃO

CL - Como é gerida a resposta a emergências e ocorrências de grande impacto no concelho de Oeiras?

CD - Trabalhamos em estreita colaboração com a Polícia Municipal, a Proteção Civil, os Bombeiros e com a CMO - uma articulação que se tem revelado fundamental na resposta a situações de maior gravidade. Um exemplo recente dessa cooperação ocorreu durante os distúrbios registados em alguns bairros em outubro do ano passado, onde a atuação conjunta com a Proteção Civil e os Bombeiros foi decisiva, nomeadamente na rápida remoção de conten-



tores incendiados, evitando a escalada da situação. Também o presidente da autarquia esteve presente no local, evidenciando o seu apoio às autoridades de segurança.

Disponhamos de um Centro de Comando e Controlo que gere, em tempo real, todos os meios operacionais. Cada esquadra tem um carro patrulha em circulação, com dois agentes, e, sempre que ocorre uma situação de maior dimen-





são, são rapidamente mobilizados reforços. Muitas vezes, os próprios polícias das esquadras vizinhas antecipam-se à mobilização formal e dirigem-se voluntariamente ao local. Nessas ocasiões, cabe-me, enquanto comandante, lembrar os agentes da importância de atuarem com serenidade e segurança, assegurando que chegam em condições de prestar apoio sem colocar em risco a própria integridade física.

Paralelamente, lidamos diariamente com ocorrências mais comuns, como furtos e roubos. Quando se trata de crimes que acabaram de ocorrer, tentamos responder de forma imediata. Se possível, deslocamo-nos ao local para verificar se ainda há algum movimento suspeito e, se necessário, ativamos a nossa equipa de investigação criminal, que se desloca em viaturas descaracterizadas para tentar intercepar os autores.

CL - Considera que os meios humanos e materiais atualmente disponíveis na Divisão de Oeiras são suficientes para garantir um serviço policial eficaz?

CD - Posso afirmar que os polícias da Divisão de Oeiras prestam um serviço eficaz. Naturalmente, gostaríamos de ter mais efetivos — e essa necessidade já foi sinalizada superiormente —, mas a verdade é que os polícias portugueses têm uma grande capacidade de adaptação.

Apesar das limitações, recebemos frequentemente elogios da população, o que é sempre um sinal positivo. Quando isso acontece, faço questão de reconhecer o mérito dos agentes envolvidos, porque acredito que estamos aqui para servir e, sempre que possível,

possa parecer.

Em relação aos meios materiais, em particular às viaturas, temos tido a sorte de contar com o apoio da CMO, com quem temos um protocolo de colaboração. Dispomos de viaturas cedidas pela autarquia, que também assegura a manutenção nas oficinas municipais, o que nos permite manter uma frota operacional e em boas condições.

CL - Como avalia o seu impacto do policiamento de proximidade junto da comunidade?

CD - O policiamento de proximidade não é, por si só, uma obrigação legal. A nossa missão principal é garantir a segurança e a ordem pública. No entanto, enquanto comandante, considero que é uma aposta absolutamente fundamental. É através desta proximidade que conseguimos criar laços com a comunidade, conhecer o território de forma mais aprofundada e, acima de tudo, ganhar a confiança das pessoas. Cada esquadra conta com dois elementos dedicados ao policiamento de proximidade, encarregues de manter o contacto direto com comerciantes, moradores e instituições locais. Quando os cidadãos conhecem os polícias pelo nome, quando sabem quem é o agente principal Pires ou qualquer outro, sentem-se mais à vontade para se aproximar, conversar, partilhar preocupações ou mesmo relatar situações que, de outra forma, talvez não nos chegassem. Essa relação de confiança permite-nos antecipar problemas e agir preventivamente.

O policiamento de proximidade está enquadrado no MIPP, que inclui diversas vertentes, como o programa

Escola Segura e as equipas de apoio à vítima. Também nos bairros considerados mais sensíveis, esta presença tem-se revelado muito positiva. O contacto direto e regular com os moradores tem permitido construir relações de respeito mútuo e minimizar tensões. Gostava, natural-

mente, de ter mais meios humanos para reforçar este tipo de policiamento — e essa é uma aposta que pretendo intensificar assim que for possível.

CL - A Divisão de Oeiras tem apostado em novas tecnologias para melhorar a resposta operacional?

CD - Sim, temos vindo a recorrer a novas tecnologias, sobretudo em contextos que exigem uma gestão mais rigorosa do espaço e da informação. Um bom exemplo é o uso de drones, que têm sido utilizados em grandes eventos e também em situações mais críticas. Os drones representam um apoio extraordinário à tomada de decisão, sobretudo para quem está no terreno a coordenar as operações. Durante os mencionados episódios de distúrbios nos bairros sociais, por exemplo, foi possível, em tempo real, acompanhar os focos ativos e a movimentação nas imediações, o que permitiu uma atuação mais célere e eficaz. Em eventos de grande dimensão, como o



festival NOS Alive ou a final da Taça de Portugal, os drones são igualmente uma mais-valia, sobretudo na gestão de multidões, ajudando-nos a antecipar



A DECO ESTÁ AQUI!

A União de Freguesias oferece, nós fazemos por si:

Informação sobre os seus direitos

Resolução das suas reclamações

Apoio na gestão do orçamento

Renegociação das suas dívidas

CONTACTE-NOS!

☎ 214 173 090 | 912 619 681 (CARNAXIDE)

☎ 214 174 833 | 969 821 312 (QUELIAS)

📅 1ª Sexta-feira de cada mês

📧 social@ufclq.pt

deco.pt



Uma das vertentes centrais do programa são as ações de sensibilização, que têm grande impacto junto dos jovens. Ter um polícia fardado a falar diretamente com os alunos sobre temas relevantes tem um peso diferente — muitas vezes mais eficaz — do que quando é um professor a transmitir a mesma mensagem. Abordamos temas fundamentais para o dia a dia dos estudantes, como o bullying, a violência no namoro, a segurança rodoviária,

os perigos associados ao uso da internet e das redes sociais, entre outros. Estas ações seguem diretrizes nacionais que nos orientam sobre os temas prioritários em determinados períodos — por exemplo, pode haver um mês dedicado à sensibilização para a violência no namoro. Nesses casos, contactamos as escolas para saber se desejam organizar sessões sobre o tema, e as direções decidem como e quando as integrar na sua programação. Em Oeiras, existe um sistema próprio em que os professores podem aceder a um calendário e escolher as datas e os temas que pretendem. Naturalmente, não conseguimos estar presentes em todas as ações solicitadas, mas tentamos dar resposta ao maior número possível.

Além disso, há pedidos pontuais dos próprios professores, muitas vezes motivados por situações que ocorrem nas escolas e que justificam uma intervenção mais direta. É também interessante notar que estas ações não se limitam ao espaço escolar: os próprios alunos acabam, muitas vezes, por levar a mensagem para casa, sensibilizando os pais para certos comportamentos ou riscos.

CL - Também promovem ações de sensibilização junto de grupos mais vulneráveis?

CD - Sim, temos desenvolvido várias ações direcionadas a públicos mais vulneráveis, nomeadamente idosos e pessoas com necessidades especiais. No caso dos idosos, o nosso trabalho é mais próximo e contínuo, muitas vezes feito a nível local, em articulação com instituições ou até de forma informal.



Se soubermos que existe um grupo de seniores que se reúne regularmente numa zona pública, como acontece com os que se juntam para jogar cartas, fazemos questão de os abordar, conversar, alertar para possíveis situações de risco. Também temos o cuidado de visitar residências onde sabemos que vivem idosos isolados, sem apoio familiar.

Um projeto que considero particularmente importante e que está em curso é a formação dirigida aos nossos agentes, especificamente para lidar com casos de desaparecimento de pessoas com Alzheimer ou demência. Estes casos são mais frequentes do que se imagina — pessoas que saem para uma caminhada ou para ir ao café e acabam por se desorientar, esquecendo-se do caminho de regresso a casa. Este tipo de situação exige uma abordagem com sensibilidade e conhecimento, porque muitas vezes há padrões — zonas onde a pessoa trabalhou ou viveu, por exemplo — que podem ajudar na sua localização. Esta formação, que teve início em Oeiras graças ao interesse do município e da Associação Portuguesa de Alzheimer, está agora a ser alargada a toda a área de Lisboa. Além de capacitar os polícias, também procuramos sensibilizar os cuidadores para que, no momento em que reportam um desaparecimento, tragam já consigo informações úteis: uma fotografia atualizada da pessoa, pontos de referência ou até um formulário previamente preenchido com dados essenciais.

CL - A Divisão de Oeiras conta com a Casa da Maria e uma parceria com a APAV no apoio às vítimas. Como funcionam estas estruturas e que papel desempenham?

CD - A Casa da Maria é um espaço de atendimento especializado dedicado a vítimas de crimes violentos ou de violência doméstica. O espaço visa prestar acompanhamento e apoio para a receção de denúncias. Este projeto foi criado porque sabemos que o impacto emocional de determinadas ocor-



rências pode ser profundamente destabilizador. Recordo, por exemplo, um caso que me marcou particularmente, na Amadora, em que um senhor foi alvo de carjacking — roubaram-lhe o carro e, com ele, as chaves de casa. O senhor não foi agredido fisicamente, mas o medo de regressar a casa era avassalador. Este tipo de situação mostra que nem sempre é preciso haver agressão física para que a vítima fique profundamente fragilizada. A Casa Maria dispõe de uma equipa de polícias com formação específica nesta área, que trabalha em articulação com diversas entidades — entre as quais se destaca a APAV — para dar uma resposta adequada às necessidades de cada vítima, tendo em conta a gravidade da situação e o grau de risco associado. Neste espaço, as vítimas encontram um atendimento de qualidade, marcado pela empatia, discrição e respeito pela sua privacidade, elementos essenciais num momento particularmente sensível e delicado. Ouvir uma vítima é um ato de empatia e humanidade. A decisão de apresen-

comportamentos e a orientar recursos com maior precisão.

APOIO ÀS VÍTIMAS E ATENÇÃO AOS MAIS VULNERÁVEIS

CL - Pode explicar como funciona o programa Escola Segura?

CD - O programa Escola Segura é, provavelmente, um dos projetos mais bem-sucedidos da PSP e tem sido essencial na criação de uma relação sólida entre a PSP, os alunos, os pais e as direções escolares. A presença regular dos nossos agentes ajuda a criar um ambiente de confiança e segurança.





tar queixa é, por si só, muito difícil, e a nossa função é estar disponíveis para apoiar, nunca para julgar. A parceria com a APAV está formalizada através de um protocolo entre a PSP, a autarquia e a própria Associação. A APAV funciona com total autonomia e é composta por psicólogas e assistentes sociais especializadas no apoio às vítimas. Qualquer pessoa pode recorrer à APAV, mesmo sem apresentar queixa formal à polícia — o apoio não está condicionado à denúncia. Há vítimas que não se sentem preparadas para apresentar queixa, mas que procuram orientação, apoio emocional ou jurídico, e a APAV está preparada para isso. Em alguns casos, a vítima chega primeiro à APAV e, se for necessário, é encaminhada para a Casa Maria; noutros casos, é ao contrário.

LIDERANÇA COM EMPATIA: CUIDAR DE QUEM CUIDA

CL - Existem planos para melhorar as infraestruturas das esquadras ou criar



novas estruturas de apoio à PSP?
CD - Com exceção da Esquadra de Trânsito, todas as restantes infraestruturas da PSP no concelho de Oeiras são propriedade da Câmara Municipal. Que eu tenha conhecimento, existem atualmente dois planos relevantes em curso por parte da autarquia. Um deles é a criação de uma nova esquadra em Carnaxide. Esta nova esquadra está pensada para absorver a valência de duas ou três esquadras existentes, otimizando a resposta policial naquela zona do concelho. O outro plano incide sobre a zona de Porto Salvo, onde existe um edifício com alojamentos para elementos da PSP, estando igualmente previstas intervenções de requalificação e melhoria dessa infra-estrutura. Isto é particularmente importante, já que muitos dos nossos policiais estão deslocados das suas zonas de residência, e o apoio logístico ao nível do alojamento faz toda a diferença no seu bem-estar e estabilidade.
CL - De que forma é que a Divisão de Oeiras tem assegurado apoio psicológico aos seus policiais?
CD - A saúde mental dos nossos policiais é uma prioridade, e nesse sentido contamos com o apoio fundamental da psicóloga Filomena Nobre, afeta ao nosso gabinete de apoio psicológico. Embora não integre formalmente os quadros da PSP, é uma presença imprescindível na divisão, amplamente reconhecida pelo seu profissionalismo, dedicação e disponibilidade - muitas

vezes até para além do que seria exigido pela sua função. A Dra. Filomena desloca-se à divisão duas vezes por semana, e qualquer agente pode marcar consulta diretamente, sem necessidade de recorrer a serviços externos. As sessões são confidenciais e abrangem tanto questões pessoais como profissionais. Paralelamente, dispomos de elementos de ligação à família de psicologia — policiais com formação específica que funcionam como ponto de contacto e facilitadores do acesso ao apoio, sobretudo em situações mais sensíveis. Sempre que possível, a Dra. Filomena estende também o seu apoio aos familiares dos agentes, o que demonstra bem o seu compromisso com o bem-estar de toda a comunidade policial. Por isso mesmo, na cerimónia do 71.º aniversário da divisão, fiz questão de lhe prestar uma homenagem pública, como forma de reconhecer o seu trabalho incansável e a diferença que faz todos os dias.

CL - As câmaras corporais, conhecidas como bodycams, têm sido debatidas como uma ferramenta útil para a atuação policial. Qual é a sua opinião sobre a sua eventual implementação?
CD - Do ponto de vista pessoal e profissional, considero que a introdução destas câmaras seria bastante positiva, porque funcionaria como um fator de dissuasão para ambas as partes. O polícia, ao saber que estava a ser filmado, tenderia a reforçar ainda mais os seus cuidados na atuação. Por outro lado, as pessoas estariam mais conscientes dos seus comportamentos, o que poderia contribuir para interações mais respeitadas e seguras. Além disso, as bodycams podem ser uma ferramenta essencial na recolha de provas. Infelizmente, recebemos com frequência queixas infundadas contra agentes da PSP — muitas vezes porque alguém não gostou de ser abordado ou de determinada intervenção. Nestes casos, o registo em vídeo seria um elemento decisivo.



CL - Qual considera ter sido a principal mais-valia que trouxe para a Divisão de Oeiras?
CD - Acredito que a principal mais-valia que trouxe ao comando foi uma abordagem mais humanista. Para mim, é fundamental lembrar que, antes de serem agentes da autoridade, os policiais são pessoas — com emoções, famílias e desafios como qualquer cidadão. Não quero, de forma alguma, desvalorizar o trabalho que já era feito antes da minha chegada, mas faço questão de reforçar esta dimensão mais humana da liderança. Procuro manter uma relação próxima com todos, conhecê-los pelo nome e valorizar o seu trabalho. Quando são elogiados, faço questão de lhes transmitir pessoalmente esse reconhecimento. Defendo uma liderança baseada no respeito mútuo, onde, apesar das funções diferentes, somos todos policiais.
CL - Enquanto comandante da Divisão de Oeiras, que objetivos gostaria de concretizar?
CD - O meu principal objetivo passa por melhorar as condições de trabalho dos policiais, tanto a nível físico como humano. Uma esquadra pintada, cuidada e com equipamentos adequados — como uma cadeira decente ou um espaço sem humidade — tem impacto direto no conforto, saúde e motivação de quem ali trabalha. Estes detalhes, que por vezes parecem menores, fazem toda a diferença no dia a dia. Mas tão importante como o espaço físico é o ambiente humano. Esforço-me por cultivar um clima de respeito, justiça e boa comunicação, onde todos se sintam valorizados e com liberdade para expressar preocupações ou sugestões. Acredito que uma equipa só funciona bem quando há diálogo e confiança.

"Consigo ter um desenho intacto durante cerca de duas horas"

- Bruno Maurício

Bruno Maurício, conhecido artisticamente como BEMMA, tem vindo a destacar-se pelos desenhos que cria na areia, muitas vezes ao nascer do dia, e pelas obras em tela, onde retrata rostos com um traço inconfundível.

Entre praias silenciosas e pinceladas meticulosas, o seu percurso cruza técnica e intuição, sempre com uma atenção particular ao gesto, ao tempo e ao lugar onde a sua arte acontece.

O Correio da Linha (CL) - Como surgiu o nome artístico "BEMMA" e o que representa para si?

Bruno Maurício (BM) - O nome BEMMA nasceu há cerca 9 anos de uma vontade muito pessoal de criar algo que representasse a minha arte e a minha família. A minha filha chama-se Ema e o meu filho Martinho. Juntei então o "B" de Bruno, com o "em" de Ema e o "ma" de Martinho e assim que surgiu este nome, uma fusão simbólica e afetiva. Queria também um nome mais curto e memorável do que Bruno Maurício, e esta escolha permitiu-me ter os meus filhos presentes na minha identidade artística.

CL - Qual é a sua formação e como se cruzam a sua profissão e a arte?

BM - A minha formação foi sempre ligada ao desenho. Embora não seja licenciado, estudei na área até ao 12.º ano. Desde então, nunca larguei os lápis nem os rabiscos: desenhar sempre fez parte de mim. Profissionalmente, trabalho com tecidos de decoração, numa empresa que já era do meu pai. É uma área que, embora à primeira vista possa parecer técnica, também tem um lado artístico, desde a escolha de cores à combinação de padrões. De certa forma, é uma extensão da minha sensibilidade estética. A arte está presente em tudo o que faço, seja numa tela, na areia ou num tecido.

CL - Como surgiu a ideia de desenhar

na areia?

BM - Tudo começou graças à internet, que nos leva a descobrir mundos e pessoas fascinantes. Foi assim que encontrei um artista que fazia desenhos na areia, numa escala impressionante. Fiquei imediatamente cativado. Certo dia, num fim de semana com amigos no Algarve, entrei numa drogaria e comprei um ancinho. Era inverno pelo que era algo inusitado para levar à praia, mas o ato foi encarado como mais uma das minhas maluqueiras. Enquanto os meus amigos ficaram "lá em cima", na areia seca, eu desci até à zona da areia mais dura, junto à água, e comecei a desenhar. Perdi completamente a noção do tempo — passaram-se duas ou três horas num ápice, tal era o prazer que aquilo me dava. Quando deixámos a praia, olhámos para baixo e vimos a composição final. Tinha ficado algo de muito especial. Esse foi o meu primeiro desenho na areia, há cerca de nove anos. Desde então, nunca mais parei e fui desenvolvendo a técnica até ao que é hoje.

CL - Como é que os desenhos na areia se tornaram uma prática recorrente?

BM - Quando comecei, era o primeiro a fazer este tipo de arte em Portugal. Tinha a certeza de que mais cedo ou mais tarde iria resultar: pela novidade, pela beleza, e pelo facto de não ser intrusivo. Não estou a danificar paredes nem a invadir espaços. E, acima de tudo, dá-me um gozo imenso. Levanto-me às seis da manhã para ir para a praia, quando ainda não há pegadas na areia, e posso trabalhar com tranquilidade. Mesmo não sabendo nadar, sempre senti uma ligação muito forte ao mar. É uma experiência quase meditativa: estou sozinho, descalço — o que me liga ainda mais à terra — e completamente concentrado naquele momento. Com o tempo, fui aperfeiçoando a técnica, e atualmente já consigo fazer sombras. De igual modo fui-me afastando intencionalmente das mandalas para composições mais livres, porque gosto de fugir à simetria e à "matemática" que essas exigem. Prefiro o traço espontâneo. Hoje em dia, com a ajuda de um drone, consigo ter uma perspetiva totalmente diferente dos meus desenhos.

CL - Quanto tempo demora, em média, a rea-



lizar um desenho na areia, e como encara o facto de a obra desaparecer com a maré?

BM - Normalmente demoro entre três a quatro horas a concluir um desenho. Depois, deixo o mar levar o meu trabalho. Para muitos pode parecer um desperdício, mas para mim é puro prazer. Faço-o por carolice, por gosto pessoal. O processo é o que mais me motiva — acordar cedo, enfrentar o frio, ter de estar em sintonia com a maré. Já aconteceu chegar à praia e não haver areia suficiente, ou estar tudo coberto de pedras por causa das intempéries, como aconteceu recentemente com a tempestade Martinho. O que me move é o gozo de criar, não a permanência da obra. Além disso é engraçado porque quando era mais novo saía muito à noite e chegava às seis ou sete da manhã a casa... agora saio de casa a essa hora para ir desenhar. Volta e meia, como costume dizer em brincadeira, cruço-me comigo, ou seja, vejo-me a chegar a casa quando estou a sair. Nessas alturas cumprimento-me e sigo o meu caminho.

CL - Há alguma mensagem que queira transmitir com estas obras?

BM - É uma coisa absolutamente pessoal. Não há uma mensagem pré-definida, nem um propósito didático ou político. Faço porque me diverte, porque me realiza. É uma expressão muito íntima, quase terapêutica. E se depois alguém passar pela praia, vir o desenho e se emocionar ou admirar o que fiz — melhor ainda. Mas o essencial é o momento em que estou a criar, ligado à areia e ao mar, apenas por prazer.

CL - Onde costuma fazer estes desenhos e quanto duram até a maré os levar?

BM - Costumo fazer os desenhos no Rabo da Baleia, na Praia da Torre. O tempo de exposição de um desenho na areia varia muito, depende das marés e do movimento na praia. Sensivelmente até às 10h30 dá para apreciar com qualidade. Normalmente, consigo ter o desenho intacto durante cerca de duas horas. No início, confesso que me custava ver os cães ou os banhistas a pisarem a obra, mas com o tempo aprendi a desapegar-me. Hoje, quando tiro a fotografia com o drone, sinto que o desenho deixa de ser meu — passa a pertencer ao tempo, ao mar e a quem o viu naquele instante.

CL - Como é que o público reage aos seus desenhos na areia?

BM - Apesar de trabalhar sempre com



headphones, consigo ouvir muitas das pessoas que passam cedo pela Praia da Torre — geralmente a fazer jogging — a chamarem por mim ou a comentarem que o desenho está "brutal". E isso enche-me de alegria. Quando olho para cima e vejo a arriba cheia de gente a observar o meu trabalho, é um momento verdadeiramente especial. Já tive grupos de crianças a bater palmas, elogios vindos de todas as direções... é um reconhecimento que me dá um enorme prazer.

CL - Durante que altura do ano é possível ver os seus desenhos na areia?

BM - No geral, é fora da época banhar que mais trabalho, quando as praias estão mais tranquilas. Durante o verão, só se o dia estiver mais cinzento e, consequentemente com menos banhistas, é que arrisco a fazer os desenhos. Mas é sobretudo nas estações intermédias, com as praias vazias e silenciosas, que consigo mergulhar a sério neste tipo de criação.

CL - Que tipo de composições tem explorado atualmente e com que ferramentas realiza os seus desenhos?

BM - Como referi, estou a tentar fugir das mandalas, que são muito geométricas e exigem um rigor quase matemático. Agora estou numa fase de exploração mais livre, mais intuitiva, com composições feitas à base de linhas. Tenho imensos desenhos guardados que quero começar a transportar para a areia, e um dos meus grandes desafios



é conseguir desenhar um rosto — como os que faço em tela — em grande escala sobre a areia. Em termos de ferramentas, trabalho com dois ancinhos: um mais fino, para os detalhes, e outro em forma de leque, como aqueles usados para apanhar folhas, que me permite criar traços mais largos. Estes ancinhos funcionam como se fossem pincéis com diferentes espessuras.

CL - Como mencionou, também trabalha em tela. Pode explicar-nos a sua técnica e o tipo de materiais que utiliza nas suas obras?

BM - A minha técnica é relativamente simples. Pinto sobretudo rostos, e trabalho sempre a partir de uma fotografia. Começo por desenhar o traço com base nessa imagem, depois transporto-o para a tela — seja ela de pequeno ou grande formato — ou então amplio-o para murais. Uso normalmente um fundo branco, que dá mais força à imagem, e trabalho apenas com preto, usando pincéis muito pequenos, geralmente de tamanho 6. Pinto sempre em acrílico, porque é mais prático: limpa-se com facilidade e seca rapidamente. Tenho uma predileção especial por pintar pessoas mais velhas: as rugas, as expressões marcadas, permitem-me capturar a essência do rosto de uma forma muito intensa.

CL - Como foi o percurso até encontrar o seu traço?

BM - Tenho 50 anos, e diria que há pelo menos 45 que ando à procura do meu traço — algo que considero ser o maior desafio para qualquer artista. Ao longo do tempo, vamos absorvendo influências, quer na pintura quer noutras formas de expressão, e isso acaba inevitavelmente por se refletir no nosso trabalho. Mas sempre procurei fazer algo diferente, algo que fosse genuinamente meu. Claro que nem todos gostam, mas acredito que finalmente encontrei o meu traço, e é este que hoje apresento nas minhas obras. Chegar aqui foi um caminho longo e exigente, por isso vou continuar fiel a ele.

CL - Recentemente, os seus quadros estiveram em exposição no Casino do Estoril, no Casino de Lisboa e no Parque dos Poetas, em Oeiras e tinham um tema que lhe é especial...

BM - Prestou homenagem à comunidade piscatória de Paço de Arcos. Como surgiu essa ideia e como foi o processo de criação?

BM - A exposição intitulava-se “Abraço aos Meus Mares” e visava prestar a devida homenagem à comunidade piscatória de Paço de Arcos. Com efeito, nasci e cresci nessa zona, a poucos minutos a pé da praia, por isso esta exposição teve um significado muito especial para mim. Curiosamente, nunca aprendi a nadar, e talvez por isso, enquanto os meus amigos mergulhavam no mar,



eu ficava mais próximo dos pescadores. Com o tempo, fui criando uma ligação afetiva com essa comunidade. Para preparar a exposição, passei cerca de 15 dias com os pescadores: conversei com eles, almocei com eles, vivi quase como um deles para absorver verdadeiramente a essência do seu dia a dia. A partir dessa convivência, selecionei rostos, alguns de pessoas que conheci pessoalmente e outros de figuras já falecidas, cujas imagens me foram gentilmente cedidas pelos próprios pescadores. Na exposição estiveram expostas 11 telas, mas pintei um total de 18.

CL - Onde é possível adquirir os seus trabalhos?

BM - Quem quiser adquirir os meus trabalhos pode contactar-me diretamente através do Instagram. É por lá que vou partilhando as obras mais recentes e que recebo a maioria dos pedidos. Muitos deles são feitos por pessoas que não conheço pessoalmente, que me enviam fotografias — normalmente de entes queridos que já partiram — para eu transformar em telas. Tenho feito cada vez mais retratos a partir dessas imagens, o que me dá um enorme prazer. As telas podem ser encomendadas em diferentes tamanhos, embora eu recomende formatos maiores para garantir o impacto e os detalhes, sobretudo no olhar, que é algo que gosto muito de trabalhar.

CL - O que é que mais o realiza nesse processo de criar uma peça por encomenda?

BM - O que me dá mais gozo é sentir que a minha arte toca realmente as pessoas. Os meus amigos e familiares têm muitas telas minhas, mas ir a casa de alguém e deparar-me com uma, é algo fenomenal. Já tive experiências muito marcantes nesse sentido. Lembro-me de uma amiga do liceu, com a qual não falava há anos que me ligou para pedir que fizesse uma tela a partir de uma fotografia do avô que tinha falecido recentemente. Ela desembrolhou a tela com a família e depois enviou-

-me uma fotografia desse momento: a emoção era visível. Se me dá prazer ir à praia desenhar algo que o mar vai apagar, então imaginem o que sinto ao saber que uma obra minha vai viver numa casa, numa parede, num espaço cheio de significado. Não vivo apenas da arte, e talvez por isso consiga manter esta ligação tão pura e emocional com o que faço.

CL - Que trabalhos e colaborações que já realizou enquanto artista?

BM - Tenho tido a sorte de colaborar com várias entidades e em diferentes formatos. Um dos momentos marcantes foi quando fui convidado pela Câmara Municipal de Oeiras para desenhar o logótipo do município na areia. Mais tarde, esse convite estendeu-se à execução de 14 murais no concelho sobretudo com mandalas, que são composições muito simbólicas e visualmente apelativas. Também realizei murais na União de Freguesias de Carcavelos e Parede, mais concretamente nos Jardins da Parede junto ao Garden Café, onde fiz murais maiores com o meu traço mais conhecido. Também tenho sido convidado para realizar workshops em várias zonas do país como, Oeiras, Matosinhos e Porto. De igual modo já colaborei com vários canais de televisão para reportagens e iniciativas relacionadas com o meu trabalho.

CL - Já teve oportunidade de apresentar ou desenvolver o seu trabalho fora de Portugal?

BM - Ainda não tive exposições formais noutros países, mas já levei a minha arte da areia além-fronteiras. Uma das experiências mais marcantes foi em São Tomé e Príncipe, onde fiz vários desenhos na praia durante aquelas que considero as melhores férias da minha vida. Estive lá sozinho, passei os dias praticamente descalço, em contacto direto com a terra — foi uma experiência intensa, crua, inesquecível. Também desenhiei no Rio de Janeiro, embora nessa altura ainda não tivesse drone, por isso não consegui registar as obras

como faço hoje. Mas o impulso de criar, mesmo fora do meu território, está sempre presente. Onde houver areia, há possibilidade de expressão.

CL - Pode partilhar connosco o que vem a seguir?

BM - Felizmente tenho vários projetos em andamento. Recentemente concluí um mural no parque de estacionamento do Casino de Lisboa: uma parede com 12 metros de comprimento. Foi uma experiência fantástica, até porque não é comum por cá valorizarmos espaços como parques de estacionamento com arte, apesar de serem locais que recebem imensa gente. Além disso, estou prestes a iniciar um novo projeto em Sevilha, onde vou colaborar com um artista amigo na criação de um mural de grande dimensão. Também tenho novidades na arte da areia, com um trabalho encomendado por uma empresa. É uma fase bastante ativa e quem quiser acompanhar tudo pode seguir o meu percurso através do Instagram, onde vou partilhando cada passo.

CL - Qual é a sua visão sobre o panorama da arte urbana em Portugal?

BM - A arte urbana tem muitas vertentes. Para mim, ela é tudo o que mexe no espaço público. Pode ir desde uma intervenção num edifício a um MUPI publicitário. Tudo isso, de alguma forma, comunica e transforma a paisagem urbana. No entanto, sinto que a arte urbana em Portugal está muito concentrada nas mesmas pessoas, nos mesmos nomes. Falta abrir espaço a outros artistas, dar oportunidade a novas vozes e abordagens. Mesmo aqueles que fazem tags ou graffitis — que muitas vezes são desvalorizados ou considerados “sujos” — estão a intervir no espaço urbano e, portanto, também estão a fazer arte urbana. Precisamos de uma visão mais abrangente e inclusiva, tanto por parte das entidades públicas como da própria sociedade.

Texto: Raquel Luís
Fotos: BM e Paulo Rodrigues



Velocidade máxima de 50 Km/h na Avenida Marginal

A empresa Infraestruturas de Portugal (IP) anunciou a alteração aos limites de velocidade em toda a extensão da Estrada Nacional 6 (EN6), mais conhecida como Avenida Marginal, que liga Lisboa a Cascais, no âmbito da implementação de medidas de acalmia das velocidades ali praticadas, com o objectivo de aumentar a segurança de todos os utilizadores da via. A medida pretende implementar um limite de velocidade de 50km/h em toda a EN6. Nesse sentido foram realizados trabalhos para a substituição/montagem dos sinais de trânsito exis-

tentes junto à estrada, que obrigaram a condicionar o trânsito nas zonas intervencionadas, com recurso a supressão de berma e/ou supressão de via. As obras necessárias à alteração da sinalética iniciaram-se no passado dia 7 de Abril com a IP a prever a conclusão dos trabalhos dentro de aproximadamente duas semanas. Durante este período, a estrada esteve condicionada entre as 09h00 e as 18h00 numa das vias em cada sentido, de forma faseada. Apesar de justificar a intervenção com o objectivo de aumentar a segurança na Avenida Marginal, a IP não relaciona



esta decisão com o atropelamento de três ciclistas, dois dos quais acabaram por ser hospitalizados em estado grave, ocorrido no passado dia 30 de Março, junto à praia da Torre, em Oeiras. A empresa que gere a rede rodoviária e ferroviária nacionais assegurou que a medida implementada já tinha sido articulada com as autarquias de Oeiras e Cascais. Até agora, a Avenida Marginal tinha zonas com variações de velocidade entre os 50km/h e os 70km/h, sendo o controlo do trânsito assegurado com radar fixo e semáforos.



AVISO

Basílio Horta, Presidente da Câmara Municipal de Sintra, torna público que, ao abrigo da delegação de competências da Câmara Municipal de Sintra no seu Presidente, constante do n.º 2 do ponto XXI da deliberação da Câmara Municipal de Sintra tomada em 22 de Outubro de 2021, sobre a Proposta n.º 630-P/2021, de 19 de Outubro de 2021, é submetido a consulta pública, o **Projeto de Revisão do Regulamento do Centro Cultural Olga de Cadaval**, nos termos do artigo 101.º do Código do Procedimento Administrativo, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 4/2015 de 7 de Janeiro, durante o prazo de 30 dias a contar da data da publicação de Aviso em II Série do Diário da República, estando o texto disponível mediante a afixação do Edital n.º 181 / 2025, nos locais de estilo e no sítio eletrónico oficial do município www.cm-sintra.pt.

Qualquer interessado pode apresentar, durante o período de consulta pública, por escrito, sugestões sobre quaisquer questões que possam ser consideradas relevantes no âmbito do presente procedimento, conforme disposto no n.º 2 do citado artigo 101.º do Código do Procedimento Administrativo, endereçadas ao Presidente da Câmara Municipal de Sintra, entregues no Departamento de Atendimento e Desenvolvimento Organizacional, Praça D. Afonso Henriques, n.º 1 R/C, Portela de Sintra, 2710 SINTRA, através do fax 219238551, ou ainda através do e-mail diu@cm-sintra.pt.

Em todas as comunicações deve ser indicado o procedimento a que mesma se reporta, sob pena de rejeição liminar.

Paços do Município de Sintra, 22 de 3 de 20

O PRESIDENTE DA CÂMARA

(Basílio Horta)

CL-Abril-2025



AVISO

Basílio Adolfo de Mendonça Horta da Franca, Presidente da Câmara Municipal de Sintra, torna público que, ao abrigo da sua competência própria, constante da alínea t) do n.º 1 do artigo 35.º e do artigo 56.º do Regime Jurídico aprovado pela Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro, por deliberação da Assembleia Municipal de Sintra, na sua 1.ª Sessão Ordinária realizada no dia 17 de fevereiro de 2023, sob a Proposta n.º 929 – PV/2022, foi aprovado, nos termos da alínea h) do n.º 1 do artigo 25.º do Regime Jurídico aprovado pela Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, na sua atual redação, o **Plano Municipal de Redução de Ruído do Concelho de Sintra (PMRR)**.

E, para que conste, o texto do PMRR encontra-se disponível mediante afixação do Edital n.º 85 /2025 nos locais de estilo e no sítio eletrónico oficial do município em www.cm-sintra.pt.

O PMRR encontra-se igualmente publicado através de Aviso (extrato) na II Série do Diário da República e publicitado através de Aviso na comunicação social.

Paços do Município de Sintra, 30 de 1 de 2025

O PRESIDENTE DA CÂMARA

(Basílio Horta)

SINTRA | Um lugar que é nosso.

CL-Abril-2025

"Reciclar é transformar o que aparentemente já não tem utilidade"

- Francisca Shearman

Dar nova vida ao que é descartado, criar impacto social e repensar a forma como produzimos e consumimos: é este o mote de um projeto que cruza sustentabilidade, design e consciência ambiental. Através do upcycling e da economia circular, uma pequena equipa transforma desperdício em peças únicas, cheias de significado. Com parcerias nacionais e internacionais, e com um forte compromisso social, a United To Remake mostra que é possível gerar valor — estético, ambiental e humano — a partir do que antes era considerado lixo.

O Correio da Linha esteve à conversa com Francisca Shearman, fundadora da United To Remake, que nos deu a conhecer o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido e os desafios de fazer da sustentabilidade uma missão com impacto real.

O Correio da Linha (CL) - Como surgiu a ideia de criar a United To Remake?

Francisca Shearman (FS) - Trabalhei muitos anos na banca, e nesse ambiente tive contacto com a área da Responsabilidade Social Corporativa e, inerentemente, com a vertente ambiental.

O ponto de viragem deu-se com a pandemia. Como tantos outros, fiquei sem trabalho. Porém, em vez de encarar isso como um fim, vi uma oportunidade de começar algo novo, alinhado com os meus valores e com aquilo que me apaixonava. Sempre tive um grande fascínio pela sustentabilidade ambiental, mas foi só quando fui mãe é que me confrontei, de forma mais direta, com o impacto das nossas escolhas diárias. Comecei a reciclar, quase como um gesto simples, e rapidamente percebi o quão desconectados estávamos do que produzimos e desperdiçamos.

Essa tomada de consciência levou-me a querer influenciar outros e a dedicar-me a esta causa de forma mais vinca. A United To Remake nasce assim da vontade de dar nova vida ao que é descartado, de apoiar outras empresas a integrarem a sustentabilidade nos seus processos e, simultaneamente, criar emprego verde. Muitas organizações não têm capacidade instalada para lidar com todos os temas da sustentabilidade, e é aí que entramos. Acreditamos que, trabalhando em parceria com todos os agentes — empresas, designers, consumidores — conseguimos não só reduzir o impacto ambiental, mas também criar peças de upcycling bonitas e com qualidade e propósito.

CL - Em que consiste o upcycling e como é que a United To Remake o aplica?

FS - O upcycling é uma forma criativa de reutilização. É transformar o que aparentemente já não tem utilidade — aquilo a que chamamos de desperdício — em algo novo. Na United To Remake, acreditamos que o upcycling não é apenas uma tendência, mas sim uma resposta necessária aos desafios ambientais que enfrentamos. Acreditamos também que deve ser feito com qualidade, criatividade e com uma

forte componente estética. O nosso objetivo não é apenas reaproveitar — é transformar com propósito e com estilo, levando as pessoas a perceberem que lixo pode ser luxo. É exatamente essa transformação que procuramos: criar peças com design, que sejam bonitas, sofisticadas e capazes de mudar a forma como olhamos para o desperdício. A verdade é que o upcycling não é novo, sempre se fez, basta pensar na costura tradicional, no aproveitamento de tecidos e objetos.

CL - Produzem as vossas próprias peças, mas também trabalham com ONG's internacionais...

FS - Na United To Remake trabalhamos com uma abordagem de dupla dimensão: por um lado, representamos projetos internacionais de referência no upcycling, e por outro, desenvolvemos as nossas próprias peças a partir de desperdício recolhido em Portugal.

Entre os projetos internacionais, destacamos a colaboração com a Ocean Sole, uma ONG sediada no Quênia que recolhe cerca de 10 mil chinelos por semana das praias e do oceano. Estas peças, que têm uma estética vibrante e um detalhe impressionante, são muito mais do que arte, são símbolo de um problema ambiental grave, mas também de uma solução transformadora. O processo é totalmente artesanal: os chinelos são lavados e escovados manualmente, empilhados, colados em camadas e depois esculpidos à mão com apenas uma faca e um polidor. As peças maiores incorporam estruturas de poliuretano reciclado, forradas com fragmentos de chinelos moldados com precisão. Este projeto não só combate a poluição marinha, como cria emprego digno e capacita comunidades locais. Muitos dos artesãos são antigos trabalhadores da madeira, agora dedicados à escultura destas obras, o que permite também proteger a floresta autóctone. Sentimo-nos verdadeiramente embaixadores deste movimento, e não apenas representantes comerciais.

Ainda a nível internacional, trabalha-



mos também com uma ONG sediada em Zanzibar que reaproveita vidro recolhido do lixo.

A nível nacional, colaboramos com empresas como a Leroy Merlin, a Decathlon, o Pingo Doce, entre outras. Recolhemos materiais como velas náuticas, fatos de neoprene, fardas, tendas e equipamentos desportivos que estão em fim de vida e, através da criatividade, transformamo-los em novos produtos, muitos dos quais são reintegrados nas cadeias de valor das empresas que nos fornecem o material. É um ciclo que une a inovação com responsabilidade social e ambiental.

ECONOMIA CIRCULAR EM PRÁTICA: PARCERIAS, REAPROVEITAMENTO E REINTEGRAÇÃO

CL - Estão então no centro da denominada economia circular...

FS - Sim, a economia circular é o pilar daquilo que fazemos. É um modelo que procura fechar o ciclo de vida dos produtos, evitando o desperdício e prolongando a utilidade dos materiais. Como referi, colaboramos com diversas empresas que nos fornecem materiais em fim de vida, como lonas publicitárias, telas de estádios de futebol, uniformes corporativos ou outros desperdícios industriais. Estes materiais, que normalmente teriam como destino o aterro, são recolhidos por nós — ou entregues diretamente — e transformados em novas peças. Por exemplo, neste momento estamos a criar peças personalizadas para uma empresa de jardinagem, reutilizando exatamente essas telas. Às ve-

zes fazemos peças únicas, outras vezes integramos fragmentos dos materiais noutras criações.

O que muitas empresas procuram hoje é fechar o ciclo dos seus próprios desperdícios, transformando-os em novos produtos úteis e alinhados com os seus valores de sustentabilidade. Isto responde, por um lado, às crescentes exigências dos consumidores, que querem ver compromisso ambiental real nas marcas que escolhem, e por outro, oferece às empresas a possibilidade de reintegrar esses materiais na sua cadeia de valor. O nosso papel é garantir que essa transformação é feita com qualidade, criatividade e responsabilidade.

CL - Pode dar-nos um exemplo concreto desse reaproveitamento empresarial e de como ele fomenta a economia circular?

FS - A nossa parceria com a Leroy Merlin é um ótimo exemplo disso. Somos responsáveis pela gestão das fardas em fim de vida da empresa, e esse processo é dividido em várias etapas. Em primeiro lugar, avaliamos o estado das peças. Aquelas que estão em boas condições e não têm a marca visível — ou cuja marca é facilmente removível — são doadas a organizações sociais, nomeadamente a Crescer, uma ONG que admiramos muito pelo trabalho de reintegração social que desenvolve com populações vulneráveis, que depois distribuiu por quem precisa.

As peças que estão em pior estado são cuidadosamente desmanchadas: retiramos botões, fechos, etiquetas, etc. para servirem de enchimento têxtil. Em certos casos, os fechos ou componentes de peças mais degradadas são reapro-





veitados em artigos feitos para outras marcas.

Por fim, o que pode ser reaproveitado é usado para criar novos produtos, muitos deles para a própria Leroy Merlin: fitas de identificação para colaboradores, material para eventos, coleções cápsula como a coleção PET, entre outros.

CL - Que critérios utilizam na seleção dos materiais e que desafios enfrentam no processo de reaproveitamento?

FS - O nosso objetivo é sempre reaproveitar o máximo possível, mas nem todos os materiais têm qualidade ou características que permitam esse reaproveitamento direto. Há materiais que,

por mais que queiramos, não são moldáveis, não são seguros ou não têm o acabamento necessário para podermos transformá-los em peças vendáveis. Por exemplo, as lonas publicitárias são um grande desafio: por vezes quebram, desgastam-se rapidamente ou não têm o apelo visual necessário. Tentamos fazer sacos com lonas e cintos de segurança, mas percebemos que o material não resultava como esperávamos. A solução foi integrá-las de outra forma: como forros ou componentes interiores, protegidos por tecido.

Além disso, fazemos um trabalho de curadoria criativa de materiais. Quando recebemos algo com pouca aplicabilidade prática — como capacetes, componentes metálicos pesados ou plásticos específicos — procuramos outros parceiros. Por exemplo, não temos maquinaria para trabalhar plás-

tico, mas temos um parceiro que tem. Entregamos-lhe o material, ele transforma-o e devolve-nos algo pronto a integrar numa peça. Este espírito de colaboração permite-nos dar resposta à necessidade ambiental sem desperdiçar oportunidades. Acreditamos que a solução está no trabalho em equipa e na entreaduza dentro do ecossistema da sustentabilidade.

CL - No processo de transformação dos desperdícios têxteis que preocupações têm com o consumo de recursos, como a água?

FS - O processo de transformação dos desperdícios têxteis é muito manual, detalhado e consciente. Um dos aspetos mais importantes que consideramos desde o início é o impacto ambiental do próprio processo de reaproveitamento, nomeadamente no que toca ao uso de água.

Temos, por exemplo, toneladas de têxtil acumulado — só de uma empresa, temos cerca de 20 toneladas — o que demonstra bem a escala do problema. Por isso, temos uma política muito clara: não lavamos tudo. Só a peça final, já transformada, é que é lavada. Todo o processo anterior, desde a triagem, desmontagem, corte e costura, é feito a seco.

Se estivermos a trabalhar, por exemplo, com camisas antigas para produzir fitas de identificação, começamos por separar as peças em bom estado. Depois retiramos as golas, as mangas, abrimos o tecido, cortamos em tiras, costuramos, e só então, na fase final, é que lavamos o produto pronto. O excedente de corte, não é lavado, pois será usado como enchimento e não justifica o uso de água.

CL - Quanto tempo demora, em média, a produção de uma peça?

FS - Depende, mas posso dar um exemplo concreto. Uma fitinha de identifica-

ção, como as que fazemos para a Leroy Merlin, pode demorar cerca de meia hora a ser feita.

O verdadeiro desafio está no desmanche da peça original. Uma camisa, por exemplo, tem de ser aberta, as mangas retiradas, a gola separada... E cada peça tem particularidades. É esse processo moroso e manual que nos toma mais tempo e que gostaríamos de automatizar no futuro. Com efeito, o nosso grande objetivo passa por adquirir maquinaria de destroçamento de têxtil, o que nos permitiria processar mais rapidamente muitos dos materiais que agora temos de tratar manualmente. No entanto, essas máquinas são de grandes dimensões, pelo que exigem mais espaço e investimento. A verdade é que embora ainda consigamos trabalhar no espaço que temos, já não temos capacidade para o volume de desperdício que recebemos. Só em têxtil, temos toneladas acumuladas à espera de transformação. Infelizmente, faltam-nos apoios neste sentido o que nos obriga a crescer com os nossos próprios recursos.

ENTRE DESAFIOS E PROPÓSITOS: COMO SE CONSTRÓI UMA MARCA COM IMPACTO

CL - Por quantas pessoas é composta a vossa equipa?

FS - Neste momento, somos uma equipa de apenas três pessoas. Somos nós que fazemos as peças, desde a conceção ao acabamento. No entanto, quando temos encomendas de maior dimensão, recorremos à parceria com a Crescer que nos fornece mão-de-obra. Formamos uma equipa à qual damos formação específica e garantimos que o trabalho tem valor para todos: para nós, que conseguimos dar resposta ao



MX3
artes gráficas, lda.

MX3
31
ANOS

Parque Industrial Alto da Bela Vista
Pavilhão 50 | Sulim Park | 2735-192 Cacém
Tel. 21 917 10 88/89/90 | Fax 21 917 10 04
Dep. Comercial: clientes@mx3ag.com
Pré-impressão: mx3agnovo@gmail.com | www.mx3ag.com



solicitado pelo cliente, e para quem colabora, que ganha competências e integração.

Mais do que um parceiro operacional, a Crescer é também o nosso suporte e conselheiro na área da responsabilidade social. São eles que nos orientam sobre como podemos ter impacto de forma responsável: quem devemos apoiar, em que formato, e com que abordagem.

CL - Como asseguram a qualidade dos produtos feitos com materiais reutilizados?

FS - A qualidade é uma das nossas grandes prioridades. Quem conhece ou já adquiriu uma peça da United To Remake reconhece imediatamente o cuidado com os acabamentos, a estética e a durabilidade. Temos um compromisso claro com os nossos clientes: qualquer peça que apresente defeito pode e deve ser devolvida. Valorizamos imenso esse feedback e integramos essas devoluções no nosso próprio processo de reaproveitamento, para que o ciclo continue. Além disso, estamos muito empenhados em evoluir com as ferramentas tecnológicas. Um dos nossos objetivos para o futuro é criar um passaporte digital para cada peça, isto porque elas são feitas de múltiplos materiais e têm diferentes origens. O passaporte digital permitiria que através da leitura de um QR code o cliente tivesse acesso a toda informação sobre o produto: de onde vêm os materiais, quanto impacto foi evitado, quanta água foi poupada, onde foi feito e por quem. Este tipo de transparência é essencial para que o consumidor confie e compreenda o verdadeiro valor do que está a comprar, reforçando o impacto positivo da sua escolha e reforçando a rastreabilidade e a confiança no que fazemos.

CL - Qual tem sido o feedback das empresas e do público desde que fundou a United To Remake, em 2021?

FS - Tem sido muito positivo e motivador. No início foi difícil... apesar de todas as empresas falarem em sustentabilidade, poucas tinham orçamento, tempo ou capacidade para investir em projetos como o nosso. Mas com o tempo, fomos crescendo, ganhámos a confiança de grandes marcas e o reconhecimento da qualidade do nosso trabalho.

Hoje, as pessoas ficam fascinadas com o que fazemos, não só pela estética das peças, mas também pela história e pelo propósito que carregam. E isso é o mais gratificante.



CL - Qual é a gama de preços das vossas peças e como lidam com a perceção de valor do público?

FS - Temos peças a partir dos 3 euros, como lenços para animais, até peças que podem ultrapassar os 1000 euros, no caso das esculturas artesanais vindas do Quênia. O grande desafio está efetivamente, na perceção do valor. Não nos podemos esquecer que por trás das peças da Ocean Sole está um trabalho incrível, feito inteiramente à mão. Ainda assim, mesmo nesta gama de produtos os valores começam nos 23€.

É também importante mencionar que os custos de transporte têm disparado, devido aos conflitos internacionais, o que dificulta ainda mais a gestão dos preços. Mas continuamos fiéis ao nosso compromisso de valorizar o trabalho manual e o impacto social por trás de cada peça.



CL - Costumam participar em feiras ou eventos para dar a conhecer o vosso trabalho?

FS - Durante algum tempo participámos em feiras, mas deixámos de o fazer. A verdade é que as feiras são caras, exigem um esforço logístico enorme — especialmente para uma equipa de apenas três pessoas — e muitas vezes não compensam em termos de retorno. Atualmente, optamos por marcar presença apenas em eventos institucionais ou de sustentabilidade, onde o nosso trabalho é valorizado e onde conseguimos estabelecer parcerias e sinergias com outras organizações e empresas. Quem quiser conhecer o nosso trabalho e adquirir as nossas peças pode fazê-lo através do nosso site ou dirigindo-se à nossa loja/oficina.

CL - Há alguma peça ou projeto que tenha uma história particularmente especial?

FS - Todos os nossos projetos têm uma história especial, pelo que prefiro destacar o mais recente: a coleção feita com as velas do navio Santa Maria Manuela. Este navio é, ele próprio, um exemplo de upcycling — um antigo balcão de madeira que agora serve como navio de passeio e investigação científica. As nossas peças foram feitas com as velas em fim de vida do navio, combinadas com neoprene e tecido feito com plástico retirado dos oceanos. É um projeto lindíssimo, com muito simbolismo, e as peças já estão à venda a bordo. Em breve, estarão também disponíveis ao público em geral.

CL - Têm uma ligação muito visível ao universo dos animais...

FS - Essa ligação nasceu de forma muito orgânica, a partir da nossa colaboração com a Leroy Merlin. Criámos juntos uma coleção cápsula PET e foi nesse contexto que conhecemos o trabalho extraordinário da Ânimas — uma associação dedicada aos cães de assistência, que presta um apoio inestimável em hospitais, lares e outras instituições.

O que mais nos tocou foi o facto de grande parte dos cães serem resgatados

de associações, e o projeto ter não só um impacto animal, mas também um enorme impacto social. Por isso, decidimos doar uma parte das vendas da coleção PET à Ânimas, e recentemente produzimos os fardamentos para todos os cães da associação — cerca de 80 — que agora andam orgulhosamente vestidos de verde. É uma parceria que nos enche o coração.

CL - Quais são os planos da United To Remake para o futuro?

FS - Temos dois grandes objetivos: escalar e digitalizar. Por um lado, queremos escalar o que fazemos — hoje, cada peça é feita de forma muito manual, com um cuidado extremo, mas isso limita a nossa capacidade de produção. Gostaríamos de industrializar parte do processo, mantendo sempre a essência artesanal e sustentável.

Por outro lado, queremos informatizar e digitalizar a rastreabilidade de todos os nossos produtos, através do mencionado passaporte digital. Isso permitiria mostrar, com total transparência, de onde vem cada componente, o impacto ambiental evitado e a história da peça.

CL - Enquanto fundadora de uma startup de impacto, que conselhos daria a quem quer começar na área do upcycling e da sustentabilidade?

FS - Acima de tudo, perseverança. Este caminho é desafiante, e muitas vezes sentimo-nos sozinhos. Por isso, não trabalhar isolado é essencial. Há muita gente já a fazer coisas nesta área — o segredo está em criar parcerias, aprender com os outros, partilhar recursos e conhecimento. No caso específico do upcycling têxtil, ainda estamos todos a aprender — nós, os parceiros, o mercado e até os próprios consumidores. Não há um manual.

E depois, manter a motivação viva. Haverá dificuldades — falta de apoios, falta de tempo, falta de espaço — mas o impacto que conseguimos gerar faz tudo valer a pena.

Texto: Raquel Luís
Fotos: Paulo Rodrigues

Anibal Machado Sebastião



Telf. 219 624 797
Telm. 932 816 937



Construção Civil - Prestação de Serviços

Rua do Castelo, nº 9 Olelas • 2715 - 356 Almargem do Bispo

Ficha Técnica 37 anos a informar

Medalha de Mérito Municipal Grau Prata
concedida pela CM Oeiras em 2014



JORNAL MENSAL DE ATUALIDADE

Sede do Editor/Redação e Publicidade: Rua Prof. Mota Pinto, Loja 4
2780-275 Oeiras • Tlm. 91 326 35 67 (Rede Móvel Nacional)

www.ocorreiodalinha.pt • geral@ocorreiodalinha.pt
facebook.com/correiodalinha

Diretor: Paulo Pimenta **Editor Chefe:** Alexandre Gonçalves, **Redação:** Pedro Quaresma, Luís Curado, Raquel Luís, Carlos Leite (historiador) **Marketing e Publicidade:** Sofia Antunes **Fotografias:** Paulo Rodrigues, David Pimenta e Diogo Pimenta **Paginação:** Pedro David **Impressão e acabamento:** MX3 - Artes Gráficas - Alto da Bela Vista - Pavilhão 50 (Sulim Park) 2735-197 Cacém - Tel.: 21 917 10 88 **Gerência:** Alice Domingues /Paulo Pimenta com mais de 5% **Propriedade/Editor:** Vaga Litoral Publicações e Edições, Lda. - Matr. N.º 12018 - Cons. Reg. Com. Oeiras - **Capital social:** 5 000 € - N. C. 504285092 - **Depósito Legal** N.º 27706/89 **Registo na ERC** N.º 114185. **Tiragem do mês:** 10.000 exemplares Preço de Assinatura anual - 12 edições: 13 euros

O Estatuto Editorial encontra-se na página da Internet

OEIRAS VALLEY SCIENCE FESTIVAL

21 a 25 maio 2025

Taguspark

oeirasvalleysciencefestival.com

Entrada Livre

ORGANIZADOR

CO-ORGANIZADOR

PROMOTOR



MUNICÍPIO OEIRAS



TAGUSPARK
CIDADE DO CONHECIMENTO



THE SCIENCE
PROJECT
THE BOOK COMPANY